

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E POPULARIZAÇÃO DO ACESSO À MEMÓRIA DA UFRRJ

SCIENTIFIC DISCLOSURE AND POPULARIZATION OF THE ACCESS TO UFRRJ'S MEMORY

Ana Beatriz Duarte da Cruz 

Thalles Yvson Alves de Souza 

RESUMO

Durante muitos anos, os processos de catalogação, conservação e divulgação da história e memória da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro sofreram por ações de esquecimento e abandono. Com a abertura do Museu Casa do Reitor e do renascimento do Centro de Memória em 2023, visamos a superação dos desafios através da popularização de todo o acervo ligados à memória da UFRRJ. O presente trabalho pretende uma visita ao processo vivido na ambiência do museu durante o último ano, trazendo os desdobramentos das ações planejadas pela equipe de mediação e seus interlocutores. Este trabalho tem como objetivo principal expor as atividades desenvolvidas no âmbito presencial, por meio das visitas ao acervo exposto e também no desenvolvimento de práticas educativas, além do virtual, com a intervenção de publicações sobre fatos pouco conhecidos, ou até mesmo desconhecidos, à comunidade interna e externa. A partir de um relato de experiência, dialogamos com as noções de memória e esquecimento, entendendo a importância da ampla manutenção aos acessos dessa memória institucional. Apresentamos, por fim, os resultados e apontamos também o futuro esperado para o Centro de Memória e o Museu Casa do Reitor, almejando que, de fato, se tornem lugares de manutenção e preservação das memórias e histórias da UFRRJ.

Palavras-chave: Memória, Educação, Museu, Patrimônio.

ABSTRACT

For many years, the Federal Rural University of Rio de Janeiro's history and memory process of cataloging, conservation and disclosure suffered with forgetfulness and abandonment's actions. With the Rector's House museum's opening and the Center of Memory's revival in 2023, we aspire to overcome the challenges through the popularization of all the collections related to the UFRRJ's memory. The present paper aims to present the process lived in the museum over the last year, approaching the results of the actions previously planned by the mediation team and their interlocutors. Our main objective is to exhibit the activities development in the attendance, through visits to the exhibited collection and with the development of educational activities, and also in the virtual environment with social media's publications about not very well known - or even unknown - facts to the internal and external community. From an experience report, we dialogue with the notions of memory and oblivion, understanding the importance of a wide maintenance of access to this institutional memory. Lastly, we present the results and also point out the expected future for the Center of Memory and the Rector's House Museum, aiming that, in fact, they become places for the maintenance and preservation of UFRRJ's memories and history.

Keywords: *Memory, Education, Museum, Patrimony.*

Introdução

A história da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro é centenária. Tendo suas origens na Escola Nacional de Agronomia e Medicina Veterinária (ESAMV), decorrente do Decreto nº 8.319/1910, assinado por Nilo Peçanha, seu primeiro vínculo foi junto ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Ainda que houvesse outras escolas de ensino agrônômico, foi apenas por meio desta regulamentação que o curso se tornou oficialmente reconhecido (Capdeville, 1991).

Pouco sabemos sobre os processos de resguardo dos documentos e objetos que compuseram a instituição dentro desse tempo. Entretanto, com a mudança de pensamento frente à ampliação dos conceitos de preservação do patrimônio cultural na sociedade (Fonseca, 2003), o conceito de patrimônio universitário foi pensado, principalmente no que tange a moldar uma memória. Um número significativo de vestígios históricos foram agrupados organizados, por vezes empiricamente, e assim fundou-se, na UFRRJ, o Centro de Memória (CM) em 2002. Este fato deu abertura a um novo caminho na perspectiva da conservação do legado e das memórias universitárias, principalmente as coletivas, dentro do cenário do campus de Seropédica.

Seu funcionamento só foi iniciado em 2004, no Pavilhão Central da Universidade (P1). Dada a importância do trabalho realizado para a história da instituição, a oficialização ocorreu apenas em fevereiro de 2005, na 141ª Reunião do Conselho Universitário. Ligado, inicialmente, à Reitoria, muitas foram as gestões que assumiram o controle dos acervos documentais, fotográficos, iconográficos e de outros objetos, que entravam em processo de musealização.

Mesmo com um trabalho de referência, que reconstituía a ambiência da Universidade através de pontes entre o passado e o presente, o CM sofreu com ações de esquecimento e abandono, fosse por fatores históricos, culturais ou pelo não-pensar a importância desta manutenção.

Entretanto, nos últimos anos, por fatores da política universitária vigentes à época, o espaço que antes era de preservação, se tornou apenas um lugar no imaginário de alguns indivíduos da instituição. O trabalho, que acontecia na sala 7 do P1, havia agora sido descontinuado. Segundo Paiva e Oliveira (2023), com

a desmobilização do espaço físico, muitos foram os objetivos, resquícios e registros dispensados.

No entanto, mesmo com todas as possíveis perdas decorrentes deste acontecimento, é instituído em 2020 no âmbito da Rural, o Núcleo de Articulação dos Acervos e Coleções da UFRRJ (NAAC), que possui como objetivo principal a preservação do patrimônio histórico e cultural da Universidade, além da ampla divulgação dos acervos e coleções já existentes (UFRRJ, 2020). Na reportagem vinculada à criação do NAAC, publicada no site oficial da Universidade. Neste contexto o CM conseguiu aprovar um projeto para iniciar sua conservação e catalogação de seu acervo de objetos e documentos museológicos, se destacando pela importância da preservação da produção universitária e de políticas que pudessem incentivar a conservação e ampliação dos acervos.

Com a ressignificação do espaço que antes era usado como moradia oficial dos diretores e reitores da UFRRJ, os trabalhos que hoje são desenvolvidos no Museu Casa do Reitor retomam parte dos acervos presentes neste campus, trazendo um novo olhar para a preservação do patrimônio universitário e reestruturando o CM.

Neste trabalho, apresentamos a continuidade dada ao processo de resgate histórico e memorial durante o ano de 2023, a partir da abertura do Museu Casa do Reitor. Para isso, objetivamos alcançar o público por meio de duas iniciativas, uma física e outra virtual, sendo: a primeira, mediação com os visitantes ao espaço museal, e a segunda, fomento de publicações que visam suscitar fatos desconhecidos ou pouco conhecidos pela comunidade interna e externa à UFRRJ. Por meio de um relato de experiência, discutiremos sobre a importância da permanência de espaços como o Centro de Memória e seu espaço expositivo, o Museu Casa do Reitor, enquanto lugares de manutenção e preservação das memórias e histórias da UFRRJ.

Referencial teórico-metodológico

A disposição de reconstruir algo que foi abandonado é uma prática constante, um exercício persistente de esquecer e de recordar até o ponto que chega à diminuição desse ritmo: “voltar a lembrar implica um esforço deliberado

da mente; é uma espécie de escavação ou de busca voluntária entre os conteúdos da alma” (Rossi, 2010, p. 16).

A memória, em definição ampla, se constrói depois do fato acontecido, se faz a partir da relação entre o indivíduo e o tempo, é algo que guardamos do nosso passado, é o esforço que nos condiciona a pensar. Em análise, a memória se apresenta como “uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido”. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória: individual, coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos” (Pollak, 1989, p. 9).

Toda materialidade e imaterialidade contidos no espaço do Museu transpassam o lugar físico, mesmo porque para o indivíduo que visita o local e tem a interação com toda a ambiência organizada para aquele fim e mesmo assim vai ser ali que se torna o lugar onde se deposita toda a sua memória, haja vista que “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento” (Nora, 1993, p. 13).

Para o mediador em geral a construção de representações imagéticas está comumente ligada à memória, todo levantamento de propostas de mediação sobre o acervo do Museu aqui representado se tornam o monumento que irá arquivar todas as suas práticas, e quando vista pode evocar o passado, perpetuando a recordação (Le Goff, 2013). Assim, é possível afirmar que:

Se as imagens são expressão de uma realidade transcendente e para ela remetem, a arte da memória se torna um meio para fazer corresponder mente e universo, microcosmo e macrocosmo. A arte não é mais técnica fundada sobre o poder evocativo das imagens. As imagens “evocam” num sentido bem diferente daquele óbvio e tradicional da psicologia. São espirais que descerram um acesso à trama metafísica da realidade, que mostram uma via para a profundidade do ser (Rossi, 2010, p. 17-18)

Na atualidade, existe uma infinidade de lugares onde se encontram imagens com função específica de evocar a memória, e, a todo momento, nos é solicitado lembrar de assuntos que chegam ao exagero da superficialidade, criando uma perspectiva de pensamento para se ter uma “persistência de futuro” (Rossi, 2010, p. 24). Deste modo, criam-se mecanismos para esquecimentos, pelo excesso de informações, visando o futuro.

A memória, como Pollak (1989) afirma, se torna operadora dos fatos ocorridos dentro de uma coletividade e conjuntamente dentro das leituras distintas do passado, querendo assim a salvaguardar, constituindo por meio dela, iniciativas por vezes conscientes de definição e de reforço ao sentimento de pertencimento, e aproximando as coletividades em seus diversos tamanhos. Desta maneira, reitera:

A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis... Todo trabalho de enquadramento de uma memória de grupo tem limites, pois ela não pode ser construída arbitrariamente (Pollak, 1989 p. 9).

Discussão e Resultados

Os museus, como espaços permanentes à serviço da sociedade, das ciências e da preservação do patrimônio material e imaterial, são também conhecidos por suas dimensões reflexiva e educacional (ICOM, 2022). Inaugurado em fevereiro de 2023, o Museu Casa do Reitor é a parte física do Centro de Memória da UFRRJ. Unindo os acervos anteriormente utilizados na residência oficial dos reitores e os pertencentes ao CM, a proposta expositiva inicial era de retomada dos vestígios históricos materiais em conjunto às memórias dos sujeitos e objetos pertencentes ao contexto da Universidade ao longo dos anos.

Figuras 1 e 2 - Visitas mediadas em 2023.



Fonte: Acervo Centro de Memória da UFRRJ.

A casa, composta por dois pavimentos, abriga no andar térreo um hall de entrada onde, à direita, possui uma sala de visitas e uma sala de refeições. À esquerda deste ambiente, temos o gabinete do Reitor. No segundo andar, com características mais residenciais, existem dois quartos simples, um quarto suíte e o banheiro que serve o pavimento. Os cômodos-dormitório possuem varandas que dão vista a diferentes ângulos e locais da Universidade.

Ao iniciarmos o processo de montagem do roteiro de visitas, buscamos aporte histórico e teórico em dois documentos: os livros “A autonomia universitária: dívida legal ou construção coletiva?” (2003), de Célia Regina Otranto e “Educação em museus: a mediação em foco” (2008), organizado por Martha Marandino. As obras foram fundamentais para que pudéssemos pensar a abordagem e o processo de mediação guiada, junto aos visitantes, uma vez que a relação visava mobilizar aspectos afetivos e de aprendizagem diferenciada (Marandino, 2008) acerca da história da UFRRJ.

Otranto, em sua obra, reconta a história da Universidade ao longo dos anos, dando enfoque nas lutas realizadas por docentes e discentes dentro e fora da instituição de ensino, que marcaram o processo de emancipação política e autonomia universitária. Seus dados foram coletados e pesquisados com ajuda do Centro de Memória, o que destaca a importância deste espaço como promotor de pesquisa e desenvolvimento científico.

Entretanto, este mesmo resgate histórico realizado por Otranto só pode ser contado por estar inscrito em documentos oficiais, desvelando a memória histórica, registrada e tida como “uma memória única, que pouco se relaciona com os sujeitos que a compõe/compuseram” (Paiva e Oliveira, 2023, p.62). Por estarmos trabalhando com memórias, nos aprofundamos nela para a extração daquilo que poderia evocar, em nossos interlocutores, processos de construção no presente, para entendermos a dinâmica entre o vivido individual e coletivamente dentro das experiências. Uma vez que:

“ela [a memória] não nos conduz a reconstituir ou recuperar o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões e nas indagações que formulamos e que fazemos a ele, questões que dizem mais de nós mesmos e de nossa perspectiva presente” (Paiva e Oliveira, 2023, p.57).

Assim como Paiva e Oliveira (2023, p.57):

“em nossa abordagem a memória será entendida como um fenômeno social, ou seja, como elemento construído coletivamente (quer seja por

grupos, coletividades, instituições e sociedades) e submetido a flutuações, transformações, constantes mudanças.”

Por isso, buscamos traçar pontes para alcançar a construção narrativa entre o tempo-presente e as memórias, individuais e coletivas, vivenciadas dentro do contexto centenário da Universidade.

A partir disso, o trabalho desempenhado nas visitas do Museu Casa do Reitor pôde oportunizar registros orais de vivências de antigos servidores, novos levantamentos historiográficos como fontes de pesquisa, doações que agregaram ao acervo material do Centro de Memória e novas ações pedagógicas, pensando a interatividade entre um espaço de educação não-formal e seu público. No ano de 2023, as visitas durante os meses de março até dezembro, renderam um público de mais de 1.800 pessoas, entre a comunidade interna e externa à Universidade. Essa experiência foi capaz de mobilizar em toda equipe, outras perspectivas de impactos, mas agora não somente por meio do contato direto com esses interlocutores.

Com o intuito de comunicar virtualmente, alcançando outros públicos, criamos uma agenda de publicações na rede social Instagram, visando a popularização dos acontecimentos na ambiência do museu e os eventos em parceria com outros grupos da comunidade interna e externa. Esta interatividade gerou novas ideias, principalmente focadas no resgate memorial e histórico, que vinha se adensando ao longo das pesquisas que eram realizadas pelos bolsistas e voluntários do CM.

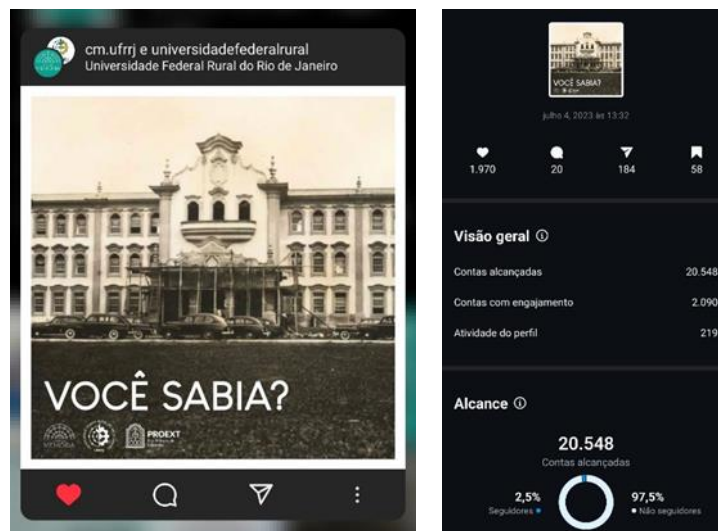
Figuras 3 e 4 - Visitas mediadas em 2023.



Fonte: Acervo Centro de Memória da UFRRJ.

Logo, elaboramos o quadro “Você sabia?”, que consiste numa intervenção a partir de uma imagem e um texto de referência, explicitando um dado histórico-memorial. A publicação contava com o compartilhamento junto à conta oficial da Universidade. Seu conteúdo consistia em, passados 76 anos, abordar a inauguração do campus Seropédica.

Figuras 5 e 6 - Rede Social Instagram.



Fonte: Acervo Centro de Memória da UFRRJ.

Como resultado desta interatividade, obtivemos mais de 1.900 reações, por meio das curtidas, que são parte da demonstração de satisfação ou apreciação do conteúdo compartilhado. Para além disso, foram alcançadas mais

de 20.000 contatos, fosse pelo compartilhamento dos usuários ou pela ampla divulgação vinculada à página da Universidade.

Não cabe em nossa análise contar a quantidade de novos seguidores alcançados com a conta do Centro de Memória. Pelo contrário, o alcance atingido por meio da publicação gera dentro do contexto virtual, para nós, uma dimensão de como a popularização da história e da memória centenária da UFRRJ pode ganhar o cotidiano das redes e se expandir, fazendo com que existam novos processos de resgate.

Comparando as abordagens adotadas pela equipe, podemos concluir que ainda é muito incipiente todo o processo de divulgação da memória e história da Universidade Rural, visto que mesmo com repositórios online ainda ativos, há um desencontro de informações. Entretanto, dentro de um novo espaço virtual e físico, os trabalhos desenvolvidos no Museu Casa do Reitor têm gerado desdobramentos proveitosos para a popularização do conhecimento acerca do legado universitário da UFRRJ.

Conclusão

Na persistência pela valorização institucional da Universidade Rural, o Centro de Memória estabelece uma ponte de conexão entre suas histórias e memórias junto à comunidade interna e externa. Ter dimensão acerca da consciência dos interlocutores em relação às questões anteriormente desprezadas é fundamental para construir novos processos de participação popular da comunidade, que deve opinar, lutar e participar ativamente da continuidade desse espaço político de memória.

Por isso, buscando a sensibilização na práxis de reconstruir, no campo físico e virtual, meios de divulgação do patrimônio cultural da UFRRJ. A partir dos processos de mediação cultural, realizados de maneira presencial na Casa do Reitor, e também da interatividade com outros sujeitos através de publicações na rede social Instagram.

Dessa forma, entendemos como essencial para a manutenção da instituição, nos espaços físico e virtual do Museu, a popularização e divulgação das memórias da Universidade. Apenas com o amplo conhecimento, processos de valorização serão criados, uma vez que a identificação da comunidade é

necessária para construir as pontes que ligam a linha entre o passado, o presente e planejam o futuro.

REFERÊNCIAS

CAPDEVILLE, G. O Ensino Superior Agrícola no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 72, n. 172, 1 dez. 1991.

FONSECA, M. C. L. O PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL INSCRITO NAS LISTAS DA CONVENÇÃO DE 2003 DA UNESCO: OBSERVAÇÕES PRELIMINARES. *Políticas Culturais em Revista*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 1–13, 2014. DOI: 10.9771/1983-3717pcr.v6i2.9897. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/9897>. Acesso em: 24 maio. 2024.

ICOM. Nova definição de Museu. ICOM Brasil, 2022. Disponível em: http://www.icom.org.br/?page_id=2776. Acesso em: 25 set. 2023.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 7ª ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2013.

MARANDINO, Martha. *Educação em museus: a mediação em foco*. Organização: Martha Marandino. São Paulo: Geenf, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *In.: Projeto História*. São Paulo, n. 10, dez. 1993, p.7-28.

PAIVA, Fabrícia Vellasquez; OLIVEIRA, José Barbosa de. Da memória universitária: Por uma gestão formativa dos espaços institucionais. *Revista PGPU: Práticas em Gestão Pública Universitária*, v. 7, n. 2, p. 51-68, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/pgpu/article/view/53757>. Acesso em: 17 mai. 2024.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol 2, n 3, 1989, p. 3-15.

ROSSI, Paolo. *O Passado, A Memória e o Esquecimento*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO. Conselho Universitário. Deliberação n. 11 de 28 de fevereiro de 2005. Institucionalizar o Centro de Memória da UFRuralRJ. Seropédica: Conselho Universitário, 2005. Disponível em: http://ufrj.br/soc/DOCS/deliberacoes/consu/Deliberacoes_2005/Delib11-2005.pdf. Acesso em: 17 mai. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO. Núcleo de acervos e coleções ajuda na preservação do patrimônio da UFRRJ. Portal da UFRRJ, 2020. Disponível em: <https://portal.ufrj.br/nucleo-de-articulacao-de-acervos-e-colecoes-da-ufrj-ajuda-na-preservacao-do-patrimonio-institucional/>. Acesso em: 17 mai. 2024.

Ana Beatriz Duarte da Cruz;
Thalles Yvson Alves de Souza

Submissão em: 25 jan. 2024

Aceite em: 08 abr. 2024

ⁱ Ana Beatriz Duarte da Cruz, Licenciatura em Pedagogia/UFRRJ, E-mail: anacruz@ufrj.br ;

ⁱⁱ Thalles Yvson Alves de Souza, DARTES/ICHS/UFRRJ, E-mail: tyvson@ufrj.br

.